

A MARMOTA.

Publica-se ás terças e sextas (embora seja dia santo), na — *Typographia de Paula Brito* — praça da Constituição n. 64, onde se assigna a 50000 rs. por seis meses para a côrte, e 60000 rs. para fóra, pagos adiantados. Ns. avulsos, 120 rs.

A MARMOTA.

Resumo historico sobre a typographia.

Em um resumo historico sobre a arte da pintura-illuminada, publicado no numero de 22 de Janeiro de 1859, um de nossos collaboradores, depois de uma rapida excursão atravez dos seculos, depoz sua penna no momento em que a imprensa; substituindo o trabalho penivel e dispendioso dos copistas, vinha operar uma revolução completa nas sciencias, nas artes e nas idéas. Nós o reproduzimos hoje.

Foi em 1440 que João Gensfleisch, mais conhecido pelo nome de Gutenberg, fez os primeiros ensaios de sua admiravel e immortal invenção.

Os resultados felizes obtidos pela xylographia, dos quaes nos resta um specimen datado de 1423, lhe inspiraram sem duvida a idéa de substituir o pro-

cesso lento dos escrivães por caracteres gravados sobre madeira, untada de uma materia colorante que permitisse transportal-os para o pergaminho.

Suas primeiras tentativas, ainda que de natureza a encornijal-o em sua empreza, não tiveram senão um successo negativo quanto ao fim a que se propunha, e esgotaram a fonte de seus modestos recursos pecuniarios. João Faust estava estabelecido como ourives na cidade de Mayence. Gutenberg deixou Strasburgo, seu paiz natal, e foi para Mayence, onde associou-se com João Faust.

Mais tarde juntou a si diversos socios-custeadores dos quaes só Meydenbach merece ser citado.

Da associação de Gutemberg e de Faust não resultou somente uma vantagem puramente pecuniaria para o primeiro; porque o ourives, homem industrioso e intelligente, seguro dos inconvenientes das lâminas com destino fixo e invariavel, concebeu o projecto

de fabricar caracteres moveis que se pudessem combinar de modo a convir para mais de um uso.

Desde então a imprensa attingiu ao seu verdadeiro progresso.

A primeira obra impressa por meio de caracteres moveis foi a *Grammatica de Donat*. Entretanto caracteres de uma natureza tão fragil como a madeira não podiam supportar as longas fadigas da impressão; estragavam-se logo, e para os substituir seria preciso grandes despesas e esforços constantes. Depois veio Pedro Schœffer, o criado de Faust. A trindade estava completa; a obra ia entrar em uma era nova e mais brilhante. Schœffer gravou com buris em relevo, com elles imprimiu padrões nos quaes derramou uma materia de liga e de consistencia conveniente.

N'aqui em diante a difficuldade essencial está vencida; os caracteres não foram deixados á revelia. Os tres amigos emprehenderam então a impressão de

POLYPTON.

O FILHO DO PESCADOR

Romance Brasileiro

ORIGINAL

POR

ANTONIO GONSALVES TEIXEIRA
E SOUSA.

(Principiou no n. 1068.)

Dirieis que era uma dessas scenas de sangue da meia idade, em que dous cavalheiros cheios de ciúme pleiteavam, ambos combatendo pela mesma dama, pelejando uma pelleja de morte, até um delles arrancar com a ponta de sua espada, do fundo do coração de seu rival, um nome, uma imagem e um amor! Um nome só para suas trovas, e seus encomios; uma imagem só para o seu coração, e para os olhos de sua alma; um amor só para o seu resentimento e seu odio! Isto é, o nome, a imagem e o amor dessa dama, objectos gravados no coração desses dous rivaes!

Quebrou-se uma espada, o desarmado não se-dá por vencido; e o armado, tão generoso como valente, larga a sua. Uma nova lucta braço a braço então começa: são dous athletas, que amam ganhar bem cara uma coroa, ou vender por um preço enorme a vergonha do vencimento!

Findo um quarto d' hora, a contar do principio do duello, um homem coberto de pó, ferido, com os vestidos rasgados, de joelhos aos pés d' outro, quasi do mesmo modo, pede a vida por misericordia!.. este homem é o intoleravel Marcos! seu vencedor tomando a espada que largára, e tendo-a na dextra, e um pequeno volume, que tirára da mouta d' onde sahira, segura-o com a esquerda, e intima-lhe que o siga: Marcos obedece: elles caminham silenciosos; param em um certo logar, e ahí o vencedor falla:

— Sabes que terra tens tu embaixo de teus pés?

— Eu ignoro...

— Antes finges ignorar...

— Ignoro inteiramente...

— Marcos, eu sei bem o que tu tens feito... não sabes que terra tens tu embaixo de teus pés? pois eu te-digo: tens a sepultura de um homem!...

— Oh!...

— Sim, a sepultura de um homem!...

— A sepultura de um homem?!

— De Florindo!...

— Qual Florindo?!

— Que tu assassinaste!...

— Que eu assassinei?!

— Na mata visinha, no caminho, que leva á cidade.

— Eu?!

— E que ao depois appareceu encostado á janella do quarto de Laura...

— Não ha tal...

— E que tu, e ella sepultastes neste logar.

— Não ha tal, não ha tal...

— Si o-tornas a-dizer, mato-te... Eu não quero manchar-me no teu sangue, que a quere!-o já o-tinha feito. Vê bem que estamos a sós; e loucura fôra negar-me o que sei melhor do que tu...

— E quem t'o dice?

— A alma dos mortos! Oh! o mundo dos mortaes não é tão independente do mundo invisivel, que as almas do outro mundo não saibam dos crimes dos vivos, e os não possam revelar á terra! Em toda parte ha olhos, e em toda parte ouvidos; e a terra dos vivos não é tão vasta que se-percam em seu seio os vestigios do crime! Ah! malvados do mundo, pensais que os vossos dias serão sempre dias de uma amena primavera? Pensais que a sepultura é tão profunda, que guarde eternamente o funesto segredo de um horroroso crime! Ah! malvados da terra, a vossa vida é um milagre, e um milagre é sempre uma abstração da ordem natural... mas a natureza volta aos seus dominios, o milagre desaparece, e a vossa vida esmagada debaixo do peso de vossos crimes, tomba no abysmo dos flagellos, dos remorsos, da desesperação e da morte! Marcos, tu estavas bem certo de que só tu, só tu, e a tua amada ereis os senhores deste fatal segredo... Tu, e ella o-havieis depositado nas mãos da morte; e a mesma morte, de quem contaveis um silencio eterno, abrindo uma de suas urnas é quem vem revelar-o ao mundo! Marcos, conheces-me?

— Não.

(Continúa.)

uma Biblia latina, acabada em 1450: oito annos bastaram para tudo isto.

Impellida por estes grandes homens, a typographia podia rapidamente progredir, e atingir em pouco tempo um gráo de perfeição que seria impossivel calcular.—Desgraçadamente a intelligencia que tinha presidido á associaçãõ emquanto se elaborava a tarefa, foi interrompida depois da publicação da Biblia. Uma questãõ miseravel de interesse deu lugar a discórdia, e Gutenberg separou-se de Faust e de Schœffer. Não obstante todos tres continuaram a habitar em Mayence e a imprimir livros, que vendiam com tanto maior lucro, quanto sua descoberta sendo secreta, e seus volumes de imitações exactas a manuscritos, permittiam vendel-os como taes. Quando a descoberta se tornou publica, isto é, em 1462, Faust, munido de um certo numero de exemplares da Biblia, seguiu para Paris. Esta capital do mundo civilisado estava ainda sepultada em uma ignorancia quasi universal. Faust, com seus rapidos meios de execução foi suspeito de feitiçaria e encarcerado. Teria terminado seus dias dentro de uma prisão, se Luiz XI não o tivesse posto em liberdade.

Sua existencia foi depois de curta duração: Faust morreu da peste quatro annos depois de sua soltura.

Tal é summariamente a origem da imprensa. Agora, se lançarmos um rapido olhar sobre a marcha progressiva que seguiu esta arte durante quasi quatro seculos, seremos tocados de uma admiração sincera e profunda pela vontade humana, esta laboriosa e infatigavel formiga que reproduz tantos milagres.

Ha muito tempo que existem esboços de Gutenberg, de Teutonico, de Schenck, de Vivan, de Tavernier, de Rosembach, etc., dos admiraveis specimens, sahidos das prensas de nossos dias e quanta economia de tempo e de dinheiro tem produzido os continuados melhoramentos aos successores destes praticos!

E' verdade que a mecanica prestou á typographia a sua valiosa cooperação, e que os impressores do seculo XV não tinham á sua disposição homens como Normand, Dutartre, Perreau e Marinoni.

Já que escrevemos o nome de Marinoni, porque não traçaremos justos elogios a este corajoso trabalhador, que filho da mais humilde classe, soube fazer prevalecer tão felizmente a intelligencia e a vontade sobre empecilhos de uma condiçãõ menos modesta?

Folgamos de ver o pensamento em luta com os obstaculos; folgamos em observar o triumpho do espirito sobre a inercia e a tenacidade das exigencias positivas.

Marinoni dotou a typographia franceza com um grande numero de prensas mecanicas, taes como as *indispensaveis, universaes*, de dous, quatro, seis e oito

cylindros. A que se acha desenhada no *Universo illustrado* é uma verdadeira obra prima. Em parte construida sobre as indicações de M. Henrique Plon, ella servio para a tiragem das admiraveis vinhetas, das notaveis obras em côr, sahidas das officinas deste eminente typographo, e imprime um formato que não mede menos de 1 metro, 10 sobre 80 centimetros. Munida de sete distribuidores e de onze cylindros condutores que passando duas vezes sobre a fôrma, dão a tinta mais completa e aperfeiçoada, ella por justa razão merece o nome de machina a vinhetas que lhe dão algumas vezes seus inventores.

Julgar-se-ha a arte typographica chegada a seu apogêo, tendo-se em vista obras de grande luxo tiradas das prensas Marinoni, e os resultados magnificos obtidos pelas machinas de reacção e machinas duplas ao trabalho, e de vinhetas de Normand e de seu digno successor Perreau.

O *Universo illustrado* tirado sobre uma destas ultimas, satisfaz sufficientemente o elogio. Entretanto nós não duvidamos que a innovaçãõ creada a quatro centos annos por Gutenberg, Faust e Schœffer, depois melhorada pelos impressores do seculo 16 e 17, vulgarisada durante o seculo 18, em nossos dias levada a um aperfeiçoamento extraordinario, não esteja destinada a produzir ainda outras maravilhas.

Eaquem o futuro abençoará, se não a estes grandes homens, pela maior parte de nascimento obscuro, que, como Marinoni tem tão generosamente posto sua intelligencia ao serviço da intelligencia commum?

Estrahido do *Universo illustrado*.

— O Povo periodico do Pernambuco, traz o seguinte artigo e patriotica poesia no seu n. 219 de 17 de Julho.

Unamo-nos que chegaremos ao fim a que attingimos.

Verdadeiros amantes da prosperidade da nossa patria, e zelosos defensores das liberdades publicas, que prezamos mais do que a propria vida; tendo por timbre e gloria a franqueza, que nos é innata, seria em nós um crime imperdoavel se nos conservassemos silenciosos ácerca dos acerbos males, que pesam gravemente sobre a sociedade brasileira, de que muito nos ufanamos de fazer parte.

Temos uma missão importante a cumprir pela imprensa livre, na qual nos constituimos um dos orgãos da opinião publica; e por isso nos incoorro o restricto dever de, nos limites legais, pugnar pelos direitos do povo brasileiro atrozmente opprimido por uma politica malversora e exclusivista do elemento democratico no governo do paiz, a bem do qual enunciamos francamente as nossas idéas politicas, embora genios intrigantes e evadidos de preconceitos nos estranhem essa linguagem singela, veridica e expressiva.

Entendemos fazer dest'arte algum serviço

ao nosso paiz, felizmente regido por um systema de livre discussãõ, cujos principaes sustentaculos consistem na imprensa e na tribuna.

E' pois de indispensavel e absoluta necessidade patentear bem claramente aos nossos concidadãos qual deve ser a sua verdadeira crença politica, capaz de rehabilitar a soberania nacional, perdidamente nullificada pela politica dominante.

Hoje, porem, contentar-nos-hemos offerecendo esta canção patriotica, producção do nosso fraco engenho.

Ao povo brasileiro.

UNIAO, FRATERNIDADE.

Povo d'heroes descendente,
Se presas a liberdade,
Adopta por teu systema:
—União, fraternidade.

Fallar sómente nos cumpre
A linguagem da verdade,
Esta linguagem exprime:
—União, fraternidade.

Para que perante as leis
Tenham todos igualdade,
Necessitam ter os povos
—União, fraternidade.

Atroz Governo conserva
Do crime a impunidade,
Se no paiz não impera
—União, fraternidade.

D'um povo a soberania
Derriba a iniquidade,
Quando esse povo sustenta
—União, fraternidade.

Nossa patria será livre,
Feliz na realidade,
Quando nella propalar-se:
—União fraternidade.

A imprensa livre sustenta
Do Imperio a integridade,
Propalando francamente:
—União, fraternidade.

Defender nossos direitos
E' dever, é equidade,
Tendo por brasão o timbre:
—União, fraternidade.

Denodados combatendo
A torpe actualidade,
Sustentemos no combate
—União, fraternidade.

Proscrevendo a vil intriga,
Fatal á sociedade,
Deve ser nossa divisa:
—União, fraternidade.

Encarar devemos hoje
Qualquer adversidade
Sustentando a todo trausé
—União, fraternidade.

Profligando a propotencia,
Despotismo, atrocidade,
Será o nosso programma:
—União, fraternidade.

Guerra, guerra á tirannia,
Abaixo a perversidade:
Reine só em nossa patria
—União, fraternidade.

Queremos que se effectue
Do voto a espontaneidade;
Mas isto de nos exige
— União, fraternidade.

Queremos que nos governe
O merito, a probidade,
Para o que se necessita
— União, fraternidade.

Unidos teremos força,
E poder e mggestãe,
Sendo a nossa propaganda.
— União, fraternidade.

Em vez da idade ferrea
Nós teremos d'ouro a idade,
Se a nação tiver por norma:
— União, fraternidade.

Da Santa Cruz o Imperio
Segue a lei da christandade,
Esta lei nos recommenda
— União, fraternidade.

Quando a victima do Golgotha
Quix salvar a humanidade,
Ao povo recommendava
— União, fraternidade.

Seguindo pois o exemplo,
Que nos deu a Divindade,
Seja nossa firme crença:
— União, fraternidade.

Esta crença nos promette
Perpetua felicidade,
Tendo nós perpetuamente
— União, fraternidade.

Inspirando nossos filhos
O amor da caridade,
Devemos recommendar-lhes
— União, fraternidade.

Dando a nossos descendentes
Exemplus d'heroicidade
Por herança lhes daremos
— União, fraternidade.

Concluimos supplicando
A Santissima Trindade,
Que inspire ao nosso povo
— União, fraternidade.

Padre, Filho, Santo Espirito,
Um só Deus em unidade,
Outhorgai aos Brasileiros
— União, fraternidade.

Do Vapor dos Traficantes.

A ARCA DA FAMILIA

Romanço original

POR

A. A.

CAPITULO I.

O ORPHÃO.

— Trabalhas, André?
— Trabalho e penso.
— Pensas no teu trabalho?
— Não, penso na minha vida e no meu destino!
— E's tão moço e andas sempre triste que parecees uma velha de mantilha, que chora em toda missa do setimo dia.

— Ah! não sabes, que de desgostos vai pelo meu coração! Ainda que sejas meu amigo, não podes comprehender os meus infortunios; és rico, tens parentes.....

— E' assim, mas não julgues, que pelo meu coração não passam também nuvens negras, porém, como habil marinheiro, depressa me esqueço das tempestades da vida.

— Mas quando se vive só, quando não se tem um ente, ao qual possamos contar os nossos infortunios.....

— Não sou eu teu amigo; e como fechas as tuas dores no teu coração, querendo que ellas morram contigo?

— E' verdade, Paulo, mas não gosto de entristecer-te.

— A dor repartida como que se torna menor; falla, um coração de amigo ouve tudo.

— Pois escuta. A' muito tempo que conheço a tua amizade, hoje era capaz de jurar pela bondade da tua alma e do teu coração, assim como juro que aquelle Deus pregado na cruz é justo e omnipotente. No pulsar do teu coração, no teu semblante, no apertar de tua mão conheço a amizade que me consagra. E em ta agradeço, Paulo, se não fóras tu talvez já eu tivesse morrido.

— André!

— Cada dia que vinhas aqui desejava contar-te a minha vida, mas vendo-te sempre tão alegre e risonho, não queria atormentar-te com historias tristes.

— Não penses, que pelo meu genio folgazão, não sei também chorar com os amigos; mas falla, André.

— Paulo, nunca conheci meus paes, sou orphão; sou engeitado; e sabes o que é ser atirado a uma roda de engeitados! E' não conhecer o carinho de uma mãe, é não ver um riso em um semblante, é não sentir um seio palpitante e quente, que nos dá vida e alento, é beber um leite, que não achamos doce, é crescer chorando, é sentir fome e frio, é não poder pronunciar o doce nome de mãe.

— Ainda menino fui para o arsenal, ali ensinaram-me o officio de lapidario. Quando me julguei mestre no officio, conseguí sahir do arsenal, e então deram-me uma medalha, que me disseram ter sido encontrada presa ao meu pescoço, quando fui atirado á roda dos engeitados. Quando ainda se é creança, quando não se sabe ainda, se um riso quer dizer uma alegria, e uma lagrima uma dor, não se sente muito o ter sido creado em uma roda de engeitados, mas depois que a razão livre das nuvens da infancia apparece radiante, depois que sentimos bater o coração, então é que nos penaliza o não ter uma mulher, a quem possamos chamar de nossa mãe, não conhecer o homem, que devia ser nosso pai. Ah! é triste, Paulo, é bem triste assim a vida. Existir sem conhecer sequer um parente; só, isolado como o condemnado, em um carcere é triste, é triste. As arvores no deserto tem outras iguaes que as cereas, os passaros voam com outros, que são do mesmo ninho, como pode pois o homem, que tem cerebro e coração, viver só neste mundo! Não é melhor morrer Paulo!

— Socoga, André, quem diz que ainda não has de encontrar teus pais?

— Sim, dizo á aquella, que perdeu o seu thesouro na profundes do oceano, que ainda o ha de achar!

— Não é assim, talvez que essa medalha

que foi encontrada no teu pescoço de creança.....

— Dentro dessa medalha achei um papel, onde li estas palavras: « Por Deos declaro que este menino é meu filho; rogo ao padre, que na pia lhe dê o nome de André, e peço para elle a protecção do céu e dos homens, 3 de Junho de 1832.

« André de Castro. »

— E onde está esta medalha?

— Vive comigo como um talisman do céu.

— E como não tens esperanças de encontrar teus pais?

— Em 27 annos tenho feito tudo, de que é capaz um coração de filho, para descobrir a aquelles, que devem constituir a sua familia; agora já me vão morrendo as esperanças.

— Telemaco foi até ao inferno em procura de seu pai; não mates as tuas esperanças, confia na providencia, André.

— O infortunio, que tem sido meu irmão desde o berço, me tem perseguido até hoje; sabes, que vivo de lapidar pedras preciosas, entretanto tenho sempre tão pouco trabalho...

— E és bom artista.

— Assim dizem, mas talvez receem de entregar ao moço pobre, que anda com os cotovellos da sobrecasaca róticos, pedras de grande valor....

— O mundo é assim, julga que é mais facil o pobre commetter uma baixesza do que o rico!

— Miséria e vergonha da humanidade; julgar que uma casaca nova encobre sempre um homem de honra!

— E para que não vás viver comigo, deixa o teu officio; lá terás tudo.

— Obrigadô, tenho medo da ociosidade; o trabalho desvanesce os meus infortunios.

— Esmola para uma pobre, disse uma voz surda e rouca subindo a escada do sótão, em que morava André.

— Tomai, minha velha.

— E' uma pobre mulher, que todos os dias vem pedir-me uma esmola; tenho tanto dô da miséria...

— Tens um coração de S. João de Deos. Mas já me ia esquecendo, a minha irmã perguntou-me porque não apparecias, e pediu-me que te dicesse, que não deixasse de ir a nossa casa.

— A tua irmã?

— Sim, a tanto tempo, que nos não visitas.

— O trabalho...

— Deixa-te de desculpas, o pedido de uma moça deva ser recebido sempre como uma ordem. E Paulo desceu correndo a escada do aposento de André.

Cabellos louros, olhos azues, nariz afilado, boca pequena, semblante pallido, eis o retrato de André, que os leitores já sabem, que é orphão, que é lapidario, tem 27 annos e que mora em um sótão, e agora fiquem sabendo, que esse sótão era pertencente a uma pequena casa da rua do Regente.

(Continúa).

DESAPONTAMENTOS.

Ser o herdeiro de um velho militar que todos os dias vos narra os episodios de sua vida por occasião da nossa independencia, e morto elle não se achar por toda a fortuna mais do que a enferrujada espada.

Ir sellar um papel e pensando pagar o sello fixo pagar o proporcional.

* *

Saber um negociante que o seu devedor recebeu uma quantia, formular a sua conta corrente, mandal-a pelo caixeiro, e este voltar com a noticia de que o sujeito nesse mesmo dia embarcou para Europa.

* *

Ser convidado para um banquete fora da cidade, tomar os incommodos da viagem, e chegando la disserem-lhe que se enganou no dia.

* *

Depois de haver escripto o primeiro acto de uma comedia, passal-a a limpo corrigindo-a com todo o esmero, e, para evitar confusões, querer lançar o original ao fogo, e ver uma a uma queimar-se todas as folhas da copia.

* *

A pedido de uma linda mulher, ler em voz alta um romance, e quando já cansado e tonto de somno levantar a vista, perceber que o auditorio já está desde algum tempo profundamente adormecido.

* *

Batem. — « Céos!.. é meu marido!.. Arthur, esconde-to alli!.. » Arthur esconde-se em um armario, onde fica por espaço de tres horas acororado e sem poder tomar respiração.

* *

Perguntar a um individuo o nome de uma senhora a quem se designa como a mais feia do baile e a mais ridiculamente trajada, e saber que a pessoa designada é sua mulher!

Soneto.

O. D. C.

AO SNR. JOÃO THEODORO DE AGUIAR

AO OUVIRMOS A PRIMEIRA EXECUÇÃO
DO SEU TE-DEUM, NA IGREJA MATRIZ
DO SANTISSIMO SACRAMENTO, NO
DIA 31 DE JULHO DE 1859.

Inspirado por Deus, co'a phantazia
Embebida em celestes pensamentos,
Tu nos deste dulcissimos momentos
Nesses sons que só Elle inspiraria:

Co'essas magas torrentes de harmonia,
Extrahidas de angelicos accents,
Imbniras nos peitos mais isentos
De sentir viva fé — a hyperdulia!

Da terra, co'o incenso misturada,
Uma supplica aos céos mandaste ardente,
Que ha de ser pelo ETERNO assaz prezada.

E, louvando o teu nome, a pia gente
Essa musica santa, entusiasmada,
C'am ardor ouvirá sempre crescente!

Por seu amigo,
L. M. do Couto.

PADECER DE DIA E DE NOITE.

Soneto.

A profunda impressão, querida Eulina,
Que tens feito em minha alma, que te adora
Conhecerás, meu bem, estiveo agora,
Que nem mesmo dormindo
Me esqueço de quem trata me domina.

Representou-me o sonho que te via
Me chamando com a mão p'ra onde estavas,
E que ao mesmo tempo embebecendava
Que eu bocejos fallasse,
E que essa rosca bocca então se ria,

Representou-me ver a tanta fadiga
Essos olhos, estrelas benéficas,
Darem-me um aremo, em que pedias
Que pã, por pã, andasse,
Para que mesmo amarr alguém não diga.

Representou-me mais, que me dizias: —
Sou tua, no meu peito tens morada,
Si ainda não te disse, é que callada
Espantava tuos modos,
E si tuas promessas cumprorás.

Accordo em sobressaltos, e procuro
Apartar-te em meus braços, dar-te um beijo...
Então, infelia! eis que me vejo
Na ditta comua só
Em horrido, profunda, e triste escuro!

O phosphoro risquou, acende a vela,
Ponho uma mão no rosto usara no peito
Maldisse do meu fado, outra vez deito,
E uma insomnia horrível
Me fez passar a noite em sentinella.

Silvino Agnes Gomes.

Anedoctas.

IN EXTREMIS.

Um gentil-homem que se achava grave-
mente doente, e já desenganado, vendo dois
procuradores ao seu quarto, disse voltando-
se para elles:

— Chegai-vos, e vos pasteis um de cada
lado do meu leito. Quere morrer como
Jesus-Christo, entre duas ladras.

DITO DE UM HESPAÑHOL.

Um hespanhol encontrando-se na rua
com um homem de pequena altura, mas
que tinha um nariz unido grande, parou
dizendo:

— La vai um nariz condazindo um ho-
mem.

PENITENCIA.

D*** nas vesperas do seu casamento foi
confessar-se, e ao sair da igreja lembrou-se
que alguma coisa lhe faltava. Voltou,
pois, sobre seus passos e obrigando-se ao con-
fessionario bateu discretamente tres panca-
dinhas na porta.

O padre que nesse momento sondava o
mysterioso coração, não sabendo bem se de
um joven ou de uma joven, zangou-se com
o importuno e com voz ruda e severa per-
guntou-lhe:

— O que quereis ainda?
— Perdão... meu padre!.. porém...
vós... vos esquestes... de... dar-me
uma penitencia.

— Não me disseses já que vesões casar?..
E continuou a confessar o outro.

POST-SCRIPTUM.

O SNR. CONSELHEIRO FERRAZ.

Como todos previam, e ninguem melhor
do que o Sr. Conselheiro Nabuco, morreu
o gabinete de 12 de dezembro com 7 mezos
incompletos de uma penosa existencia, não
por falta de illustração e probidade, mas
porque não usou de sua força, e de seus di-
reitos, como e quando deveria usar. Sa o
que fez no fim tivesse feito no principio,
ou venceria como Aristides, ou morreria
como Catão.

Foi chamado para organizar o novo gabi-
nete o Sr. Conselheiro Ferraz. Este acon-
tecimento bem que ha muito esperado traz,
contudo, da parte da Corda uma notavel
prova de confiança, qual a da estrêa de
S. E. em—Presidente do Conselho — facto
virgem até hoje.

O Sr. Silva Ferraz se tem amigos, tem
tambem adversarios; mas tendo S. E. sabido
merecer a confiança do paiz em todos os lu-
gares em que tem estado, e dos quaes se tem
sabido sempre e felizmente bem, esse tino,
essa illustração de habil piloto, com que tem
feito passar o seu navio por entre abrolhos,
em mares encapellados e temporamentosos,
deve agora, mais do que nunca, apontar-
lhe o norte de um glorioso futuro.

O Sr. Conselheiro Ferraz, Senador do
Imperio, não é desses homens que devem
a outros a sua elevação; feito por si mesmo,
S. E. apresenta seu peito a descoberto e
serve-se dos recursos de sua alta intelligen-
cia em toda e qualquer occasião. Não ha no
illustro Bahiano sciencia engarrafada.

Quem conhece o Sr. Silva Ferraz sabe
quaes são as boas intenções de S. E. e como
é o illustre Jurisconsulto prompto de idéas,
de genio creador, activo e incansavel.

S. E., porem, apesar de tudo isso que
tem a seu favor, não está em *mar de rosas*;
tem amigos e affeiçãoos em todos os circulo-
s; tem por si a opinião publica, o com-
mercio, de quem recebeu assignaladas pro-
vas de estima e reconhecimento; com tudo
isso, e com mais *geito* do que *força*, pôde
conseguir muito, já que lhe não será possi-
vel conseguir tudo.

Não despreze seus amigos; não julgue in-
significantes seus adversarios: « Não ha in-
migo fraco. »

«... Nunca louvarei
O capitão que diga: — não cuidei.»

A PEDIDO

O gabinete de 12 de Dezembro pediu
e obteve sua demissão.

O paiz, mais tarde, fará justiça ás boas
intenções dos membros de que elle se com-
punha.

Continue tudo assim como vai, que
talvez que em época não muito remota se
tenha o lamentavel desengano de que com
tal falta de confiança nos homens e nas
cozas, dentro em pouco não haverá gover-
no possivel.

Typographia de Paula Brito

64 — l'raça da Constituição — 64